



BOLETIM DE COMÉRCIO
EXTERIOR DA BAHIA
NOVEMBRO 2020

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Novembro 2020, 3

Importações, 7

Apêndice A – Novembro 2020

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
- Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de janeiro a novembro de 2019

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XIV - Importações nordestinas por estado
- Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia
Rui Costa

Secretaria do Planejamento
Walter de Freitas Pinheiro

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Indicadores e Estatística
Armando Afonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural
Arthur Souza Cruz Junior

Coordenação Editorial
Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica
Arthur Souza Cruz Junior

Coordenação de Biblioteca e Documentação Normalização
Eliana Maria Gomes Silva Sousa

Editoria Geral
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo
Ludmila Nagamatsu

Revisão
Elvira Mejía

Editoração
Alderlan Oliveira

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Novembro 2020

Após três meses de queda, as exportações baianas se recuperaram em novembro ao atingirem US\$ 748,7 milhões e incremento de 2,2%, frente ao mesmo mês de 2019. Desde outubro as exportações já apresentam números similares aos verificados em 2019, em parte graças ao recorde da safra agrícola e à rápida recuperação da China. Já as importações, alcançaram US\$ 491,3 milhões com recuo de apenas 3,2%, em relação ao mesmo mês do ano passado, uma queda bem menor que as registradas em meses anteriores, graças ao aumento da demanda interna nos últimos meses, o que tem estimulado a busca por bens e insumos no exterior.

Considerando a comparação em relação a novembro de 2019, as exportações do setor agropecuário cresceram 40%, com destaque para o complexo soja com aumento de 53,7%, do algodão em 21,5% e das frutas em 37%. No caso da indústria extrativa, houve alta de 23,8%. Na indústria de transformação, o recuo foi de 26,2%, puxado pelos derivados de petróleo (-66,4%), petroquímicos (-2,5%) e metalurgia (-23,6%). A boa notícia no setor é a volta do crescimento das vendas do setor automotivo em 52,7%, puxado pelo aumento de embarques para a Argentina, que registra o segundo mês consecutivo de alta nas compras, o que vem reduzindo a queda acumulada no ano.

No período Jan/Novembro de 2020, as exportações baianas chegaram a US\$ 7,1 bilhões, com queda de 7,2%, na mesma base de comparação, mantendo trajetória negativa estável ao longo do ano, mesmo em um contexto de retração da atividade econômica global, mas com redução muito abaixo do que se previa no início da pandemia. Assim, os volumes embarcados estão positivos (índice de quantum cresceu 24,6% até novembro, sobre o mesmo período do ano anterior) e o preço é que explica a queda nas vendas no ano, com um recuo em média de 25,5%.

Mesmo com o recuo de 3,2% em novembro, o resultado das importações de US\$ 491,3 bilhões é positivo, considerando o desempenho dos últimos meses. O aumento, mesmo que pequeno de 0,8%, no índice de quantum das importações é destaque positivo, e reflete alguma reação da atividade econômica, principalmente a industrial (as compras de bens intermediários que englobam insumos e matéria prima), cresceu 19,4%, frente ao mesmo mês do ano passado.

Após vários meses com quedas anuais que chegaram

a ficar acima de 40%, a recuperação das importações é um importante sinal da retomada da demanda interna, em especial do consumo, o que é ilustrado pelo crescimento das vendas no varejo, além de itens ligados à indústria de transformação, e da vigorosa reação da demanda por bens de consumo duráveis que chegou ao mês a 146,3%.

As importações devem registrar em 2020 seu menor valor desde 2009, mas devem paulatinamente ir reduzindo as perdas, no embalo da gradual retomada da atividade doméstica, como ocorreu em novembro, aliada à sazonalidade, embora o real ainda desvalorizado e a menor demanda por combustíveis limitem a recuperação.

Já as exportações baianas devem fechar o ano de 2020 com receitas em torno dos US\$ 7,6 bilhões, 7% inferior ao resultado de 2019. Quanto às importações, o tombo será maior, devendo chegar a US\$ 4,7 bilhões, o que representa uma queda de 30% frente ao ano passado. Com esses resultados, o ano deve ser encerrado com um saldo positivo de US\$ 2,9 bilhões na balança comercial estadual, um pouco mais que o dobro do obtido em 2019. O dado, no entanto, será motivado tanto por um recuo nas exportações, quanto por uma queda ainda mais forte nas importações.

Tabela 1 – Balança comercial Bahia –Jan.-nov. 2019/2020

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2019	2020	Var. %
Exportações	7.647.984	7.099.651	-7,17
Importações	6.439.277	4.339.239	-32,61
Saldo	1.208.707	2.760.412	128,38
Corrente de comércio	14.087.262	11.438.890	-18,80

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 04/12/2020.

Elaboração: SEI.

Obs.: Importações efetivas, dados preliminares.

As perspectivas são melhores para a economia global graças as vacinas à vista e a manutenção de fortes medidas de apoio pelos governos, ao mesmo tempo em que persistem incertezas e riscos. Em relatório divulgado, a OCDE prevê um cenário global ainda relativamente complexo para 2021, com uma alta probabilidade de novos surtos locais do vírus que vão requerer novas medidas de distanciamento físico localizadas em alguns casos. A vacina só virá ao longo de 2021 para a maioria das pessoas e a gestão da pandemia ainda imporá limites à economia.

A atividade econômica continuará com menos interações físicas e fronteiras, parcialmente fechadas por mais alguns trimestres. Alguns setores vão recuperar força, outros ficarão paralisados. Por exemplo, o setor de turismo, com muito emprego, inclusive de baixa qualificação, vai demorar muito mais para se recuperar.

Nesse contexto, o relatório sobre as perspectivas globais rebaixa as projeções, comparado às estimativas anteriores, em meio à constatação de que novos surtos e restrições estão impedindo a recuperação. Após uma forte contração neste ano (4,2%), o Produto Interno Bruto (PIB) global é projetado para aumentar cerca de 4% em 2021, comparado a 5% estimado em setembro.

Já a economia dos EUA se depara com nova aceleração da pandemia e com mais restrições à atividade econômica, mas desta vez sem a proteção de grandes medidas de apoio fiscal, o que eleva o temor de um impacto na recuperação. Vários Estados e cidades adotaram medidas de confinamento para tentar restringir a nova alta.

Para mitigar o impacto da quarentena em março e abril, a Casa Branca e Congresso americano aprovaram um pacote de US\$ 3 trilhões. Desta vez, no entanto, não conseguiram chegar a acordo sobre mais estímulos antes da eleição e, desde então, não houve progresso nesse sentido.

O avanço da epidemia de Covid-19 nos EUA e na Europa ameaça levar essas economias de volta à recessão, após a recuperação do terceiro trimestre. A França já prevê contração neste fim de ano. Os EUA dão sinais de desaceleração.

Somente a economia chinesa se recuperou e além de crescer 4,9%, no terceiro trimestre, seus principais indicadores continuam sem apresentar arrefecimento. Economistas preveem, no geral, crescimento de 5% a 6%, no quarto trimestre, o que situaria a economia chinesa, segunda maior do mundo, num ritmo de expansão de cerca de 2% em 2020.

Esse cenário foi reforçado após o anúncio de criação do RCEP, na sigla em inglês, o maior acordo comercial do mundo, que engloba 14 países. A Parceria Regional Econômica Abrangente (RCEP, na sigla em inglês) cria um bloco que responde por mais de 30% do PIB (US\$ 26 trilhões) e 22% da população do mundo. Reúne muitas das maiores e mais pujantes economias da região da

Ásia-Pacífico, que deixaram diferenças geopolíticas de lado para finalizar o acordo. Além da China, também fazem parte da RCEP, Japão, Coreia do Sul, Austrália, Nova Zelândia e dez países do Sudeste Asiático como Indonésia, Vietnã, Tailândia e Cingapura.

Embora a maioria dos países do RCEP já tenha fortes laços comerciais entre si - as trocas comerciais vão desde arroz até semicondutores -, o novo tratado é considerado importante porque resultará em um sistema comercial mais unificado. O pacto ainda precisa ser ratificado pelos governos nacionais antes de entrar em vigor.

Com a recessão no ocidente, causada pelo recrudescimento da Covid-19, se acelerou o deslocamento do dinamismo da economia mundial para a Ásia, onde, com China à frente, um melhor controle da pandemia já começa a resultar numa retomada mais rápida e vigorosa do que em outras regiões. O avanço da Parceria Regional Econômica Abrangente (RCEP) sacramenta a região como polo hegemônico da economia mundial, responsável por mais de 30% do PIB global, aprofundando a integração econômica dos países da região.

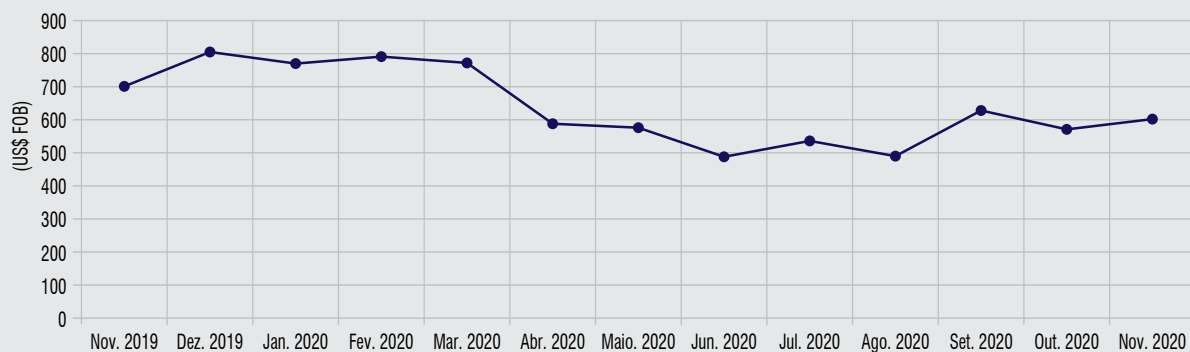


Gráfico 1 – Evolução dos preços médios de exportação – Bahia – Nov. 2019-2020

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 08/12/2020.
Elaboração: SEI.

Os preços médios dos produtos exportados pela Bahia, em novembro continuam tendo efeito negativo nas exportações baianas. Em novembro, eles oscilaram negativamente em média de -2,4%, ante ao mesmo mês do ano anterior, mas reagiram em relação ao mês anterior e variaram positivamente em 5,4%. Na comparação com os dez primeiros meses do ano passado os preços médios dos produtos vendidos ao exterior desvalorizaram-se 25,5% no período, sendo, portanto, o único elemento responsável pela retração das vendas externas no ano, já que os volumes embarcados aumentaram 24,6% no período.

A forte desvalorização do dólar nas últimas semanas de novembro colocou mais pressão sobre as margens de alguns exportadores. A falta de perspectiva de equilíbrio fiscal no Brasil alimenta a volatilidade do câmbio, embora a queda do dólar não tenha efeito grande sobre o mercado de commodities agrícolas. A primeira constatação no ambiente exportador, é a corrida por mais hedge, dando continuidade ao crescimento da busca pelo instrumento desde o ano passado com a diminuição do custo e a tentativa de algumas empresas exportadoras de fazer ACC (Adiantamento de Contrato de Câmbio) para se protegerem da tendência de queda na moeda americana. Por ora, os números mais recentes do Banco Central mostram que a demanda por linhas de crédito à exportação desaceleraram em novembro.

Apesar da queda do dólar, alguns executivos avaliam que a moeda brasileira ainda está depreciada. O movimento recente não é suficiente para anular os efeitos da forte alta do dólar no ano. A alta da moeda americana,

que chegou a 40% e deve fechar o ano por volta dos 35%, teve impacto negativo na maioria dos estoques das companhias, mas impulsionou a rentabilidade das exportações consideravelmente.

O real deve fechar o ano com o pior desempenho, entre 30 moedas em 2020, entre elas a lira turca, o rublo russo e até mesmo o peso mexicano. Entre os fatores que explicam essa escalada da moeda norteamericana frente à brasileira, estão a baixa taxa de juros, a instabilidade política no país e o aumento da dívida pública, que têm afastado o investimento do Brasil. Os investidores estrangeiros temem a confirmação de um rombo fiscal recorde, acima de R\$ 800 bilhões para este ano, e a falta de perspectiva para reformas administrativas e fiscais no futuro.

As exportações do agronegócio baiano cresceram 102% em novembro, atingindo US\$ 3,73 bilhões. Os embarques de soja, algodão, celulose, frutas, derivados de cacau e café tiveram crescimento expressivo em novembro, impulsionando o desempenho global das exportações do estado no mês de novembro. Assim como ocorreu no mês anterior, o forte aumento das vendas ao mercado externo do chamado complexo soja, que inclui o grão e seus derivados (farelo e óleo), foi decisivo para puxar para baixo o resultado geral. Em novembro, as exportações totais do setor somaram US\$ 201,7 milhões, montante 53,7% maior que o de novembro de 2019, impactado também pelo aumento de 8,2% no índice de preços médios dos produtos. O volume embarcado também subiu 42%, comparado ao de novembro de 2019.

Outro aspecto que se destacou nas vendas externas da Bahia, em novembro foi o aumento das vendas para a Argentina em 43,4%, associada às compras de automóveis pelo país. As vendas do setor automotivo cresceram 52,7% no mês, após registrar queda ao longo de todo o ano – no acumulado até novembro o recuo foi de 55,3%. No período jan/novembro, as exportações para a Argentina caíram 31,6%, em relação ao mesmo período de 2019. Mas, desde outubro, as exportações começaram a crescer na comparação mensal interanual e, em novembro, o crescimento foi recorde para o ano. Vendas de automóveis explicam o crescimento, já que a pauta para a Argentina é composta predominantemente por este setor (65% do total), além de bens de maior valor adicionado.

**Tabela 2 – Exportações baianas
Principais segmentos – Jan.-nov. 2019/2020**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2019	2020			
Soja e Derivados	1.417.806	1.659.818	17,07	23,38	-0,10
Petróleo e Derivados	888.756	970.616	9,21	13,67	-36,37
Papel e Celulose	1.063.354	928.791	-12,65	13,08	-21,32
Químicos e Petroquímicos	1.090.868	709.318	-34,98	9,99	-25,45
Metalúrgicos	822.322	463.982	-43,58	6,54	-38,53
Metais Preciosos	400.204	463.550	15,83	6,53	18,34
Algodão e Seus Subprodutos	486.203	463.613	-4,65	6,53	-7,01
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	122.662	252.883	106,16	3,56	-17,22
Minerais	155.781	214.946	37,98	3,03	-31,95
Cacau e Derivados	184.366	183.306	-0,57	2,58	3,36
Frutas e Suas Preparações	159.494	172.904	8,41	2,44	-2,46
Automotivo	340.023	152.109	-55,26	2,14	-11,60
Café e Especiarias	103.277	109.733	6,25	1,55	0,86
Borracha e Suas Obras	143.391	94.726	-33,94	1,33	-5,78
Sisal e Derivados	75.081	69.061	-8,02	0,97	-8,63
Couros e Peles	62.804	53.862	-14,24	0,76	-20,37
Fumo e Derivados	21.995	25.416	15,55	0,36	14,53
Calçados e Suas Partes	38.821	24.970	-35,68	0,35	-15,92
Carne e Miudezas de Aves	14.259	18.511	29,82	0,26	8,24
Demais Segmentos	56.517	67.536	19,50	0,95	-35,01
Total	7.647.984	7.099.651	-7,17	100,00	-25,47

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 05/12/2020.

Elaboração: SEI.

Apesar de continuar a registrar queda em novembro, as importações baianas aumentaram em volume no total de produtos desembarcados no estado. A queda nas importações de novembro de 3,2% foi a menor do ano, graças ao aumento da demanda interna nos últimos meses, o que tem estimulado a busca por bens e insumos no exterior. A análise separada de volumes e preços mostra que a quantidade desembaraçada reagiu em novembro, com alta modesta de 0,8%, enquanto os preços médios em dólar das importações caíram 3,8%, sempre em comparação com igual mês de 2019.

Apesar da queda de preços médios no total das importações, produtos como trigo, óleo de soja, arroz, fios de algodão e semimanufaturados de ferro custaram mais caro nos desembarques em novembro, com aumentos acima de dois dígitos no preço médio em dólar em relação a igual mês do ano passado, processo que tem resultado em pressão inflacionária.

A reação mais positiva da economia nos últimos meses, em especial do varejo, propiciou o aumento da importação de bens duráveis no ano (8,8%), mas o impulso não tem sido suficiente para promover recuperação na compra de intermediários importados nem de bens de capital. A oscilação cambial também contribuiu para tornar mais difícil a negociação de preços com fornecedores externos de insumos, máquinas e equipamentos.

A redução do comércio exterior baiano, observada neste ano, tende a perdurar, com recuperação lenta. Com a queda de demanda dos países de destino e desvalorização da moeda brasileira, devemos observar uma redução do comércio – tanto do lado das exportações, quanto das importações – que tende ainda a perdurar, tendo em vista que as circunstâncias que determinam o crescimento dessas duas variáveis vão mudar muito lentamente.

Com esses resultados, o ano deve ser encerrado com um saldo positivo de US\$ 2,9 bilhões na balança comercial estadual, um pouco mais que o dobro do obtido em 2019, com um recuo tanto das exportações, quanto a uma queda ainda mais forte nas importações.

A corrente de comércio, medida do dinamismo comercial e da integração ao mercado internacional, recuou 19% até novembro, e deve atingir ao final do ano US\$ 12,3 bilhões com retração de 13% frente a 2019.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-nov. 2019/2020

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2019	2020	Var. %	Part. %
Bens intermediários	4.706.951	3.300.335	-29,88	76,06
Bens de capital	768.555	640.152	-16,71	14,75
Combustíveis e lubrificantes	745.527	202.274	-72,87	4,66
Bens de consumo duráveis	98.557	107.253	8,82	2,47
Bens de consumo não duráveis	119.664	86.149	-28,01	1,99
Bens não especificados anteriormente	24	3.076	12.827,82	0,07
Total	6.439.277	4.339.239	-32,61	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 04/12/2020.

Elaboração: SEI.

OBS.: importações efetivas, dados preliminares.



SECRETARIA DO
PLANEJAMENTO

